SEMESP

Titulo: Economia fraca e Fies menor levam grupos de volta ás aquisições
Veículo: Valor Econômico - **Localidade:** SÃO PAULO - SP - **Data de publicação:** 23/08/2018
Editoria: Empresas - **Página:** B5

Ensino Ser negocia a compra de faculdades pequenas e a Kroton já fez quatro aquisições em seis meses

Economia fraca e Fies menor levam grupos de volta às aquisições

Beth Koike
De São Paulo

Com a redução do Fies, programa de financiamento estudantil do governo, e a economia ainda fraca, instituições de ensino de pequeno porte, abrigando até 3 mil alunos, enfrentam dificuldades financeiras e batem à porta de grandes grupos. "Nunca vimos o setor tão aquecido desde 2013, 2014", diz Jânyo Diniz, presidente da Ser Educacional, que tem algumas negociações em andamento.

A Kroton, a maior companhia de ensino do país, também voltou às compras. Nos últimos seis meses adquiriu quatro faculdades pequenas localizadas no Norte e Nordeste do país — regiões onde a Ser tem a maior parte de suas faculdades.

Das 2,1 mil instituições privadas de ensino superior no país, 82% são classificadas como de pequeno porte. Cerca de 60% das instituições de ensino no país têm menos de 1 mil alunos matriculados e 45% delas não chegam a ter 500. E as que enfrentam maiores dificuldades financeiras são justamente aquelas faculdades com menos 1 mil alunos. Para fechar as contas no azul o ideal é ter 1,5 mil matriculados, diz Caio Polizel, consultor da Hoper Educação.

Polizel observa que há oportunidades de negócios para faculdades menores. "Ao contrário de anos anteriores, quando os consolidadores [grandes companhias que crescem via aquisições] só se interessavam pelas instituições de ensino com mais de 3 mil alunos, agora há interesse também por ativos que tenham entre 1 mil e 3 mil matriculados", diz ele.

Nos últimos dez anos, o setor de ensino superior passou por um forte processo de consolidação. Atualmente, 49% dos universitários estudam em 120 instituições de ensino de grande porte (mais de 8 mil alunos). Para efeito de comparação: há 1,3 mil faculdades pequenas (com menos 1 mil alunos). Juntas, sua participação de mercado não chega a 10%.

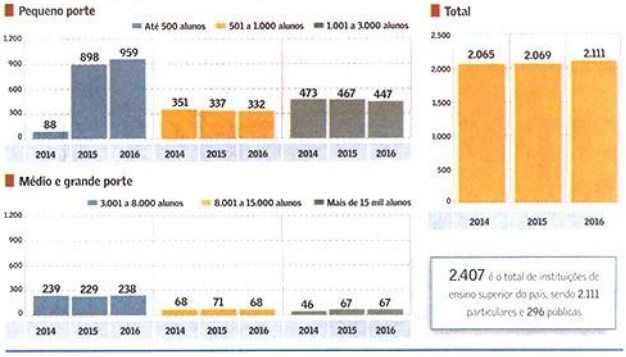
Há um outro fator que pode estimular novos negócios, via aquisições de ativos de menor porte. Os grandes grupos não estão conseguindo crescer de forma orgânica, ou seja, aumentando o número de novos alunos. Com a economia fraca, carregando 12 milhões de desempregados, as pessoas estão adiando planos de ingressar em uma faculdade. Têm receio de não conseguir pagar as mensalidades e de contrair uma dívida de longo prazo.

No primeiro semestre deste ano, o número de alunos novos alunos em cursos presenciais caiu 5%, em relação a igual período de 2017, segundo o Semesp, sindicato que reúne 99 instituições de ensino no país. Em alguns Estados como Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo a queda chegou a 25,7%, em média.

No Norte e no Nordeste, no mesmo período, o número calouros caiu 9%. A Ser, que atualmente principalmente nessas duas regiões, mudou a estratégia. A companhia brecou a abertura de novas unidades e optou por comprar ativos, para aumentar sua receita.

Atualmente, a Ser mantém negociações com faculdades pequenas, cujos nomes não são públicos. A Ser também negocia a compra da Unigranrio, universidade carioca com 27 mil matriculados. Um dos poucos ativos desse porte disponíveis no mercado, a Unigranrio é controlada por sete irmãos da família Herdy.

Retrato das faculdades
Número de instituições privadas de ensino superior



Pequenos se unem para reduzir custos

De São Paulo

Cerca de 60% das instituições particulares de ensino superior no país têm menos de 1 mil alunos, quantidade que não gera retorno financeiro e pode levar à falência. Estima-se que entre 45 e 60 faculdades fecham as portas por ano, segundo a consultoria Hoper Educação.

Diante desse cenário, além de bater na porta dos grupos consolidadores, as pequenas instituições estão buscando alternativas. Cerca de 55 delas estão comprando suprimentos e materiais em conjunto e conseguem uma economia que varia de 25% a 30%. O projeto, liderado pelo Semesp, sindicato do setor, envolve ainda compartilhamento de gestão e capacitação de professores e funcionários.

"Já tivemos casos em que uma instituição cedeu o material didático de ensino a distância para outra em troca de capacitação de professores para cursos de medicina. Não existe dinheiro envolvido, é economia colaborativa", disse Fábio Reis, diretor de inovação acadêmica e redes de cooperação do Semesp.

Reis contou que o projeto foi criado no fim de 2017, inicialmente, para atender as faculdades menores, mas no decorrer do ano universidades com mais 7 mil alunos também se interessaram. Essas universidades procuraram o sindicato para dividir, por exemplo, custos comuns na área de pesquisa e publicação dos estudos.

Segundo Reis, desde a criação do projeto houve uma evolução na confiança dos dirigentes das instituições que, recentemente, trocaram informações sobre rentabilidade dos cursos e outros dados financeiros. "Esse modelo foi inspirado em consórcios de universidades americanas. Em Boston, as instituições conseguiram economizar US$ 2,5 milhões em compras de materiais", afirmou.

Há ainda outras iniciativas de grupos pequenos, com menos de 500 alunos, diversificando suas fontes de receita. "Há instituições de ensino oferecendo cursos livres para capacitar, por exemplo, guardas municipais de determinada cidade e já vi até um caso em que o treinamento era para funcionários de uma cidade no Uruguai", disse Caio Polizel, consultor da Hoper Educação.

Ainda de acordo com Polizel, a maioria das instituições de ensino com menos de 500 alunos matriculados na graduação tem também escolas de educação básica, o que tem compensado um pouco a perda de receita do ensino superior. *(BK)*